

ENTRE VÍNCULOS E DISPOSITIVOS: O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E NOS EFEITOS DO USO DE TELAS

BETWEEN BONDS AND DEVICES: THE ROLE OF PARENTS IN CHILD DEVELOPMENT AND THE EFFECTS OF SCREEN USE

ENTRE VÍNCULOS Y DISPOSITIVOS: EL ROL DE LOS PADRES EN EL DESARROLLO INFANTIL Y LOS EFECTOS DEL USO DE PANTALLAS

Eduardo Lucas Silva¹

RESUMO: Esse artigo buscou compreender como as práticas parentais relacionadas ao uso de telas influenciam o desenvolvimento infantil, considerando aspectos emocionais, cognitivos e sociais que sustentam a autonomia na primeira infância. A pesquisa adotou abordagem bibliográfica, qualitativa e exploratória, reunindo estudos nacionais e internacionais que investigam relações familiares, funções executivas, uso de dispositivos digitais e efeitos associados à exposição prolongada. A análise dos materiais selecionados identificou que os pais oferecem telas principalmente para facilitar a organização do cotidiano, enquanto o comportamento digital dos adultos funciona como modelo que orienta a forma como as crianças estruturam atenção, regulação emocional e tomada de decisão. Os resultados também apontaram prejuízos recorrentes relacionados ao uso excessivo de dispositivos, incluindo atrasos de linguagem, dificuldades atencionais, impulsividade, irritabilidade, menor socialização e dependência de estímulos imediatos. Além disso, verificou-se impacto direto na dinâmica familiar, com aumento de conflitos sobre limites e redução da qualidade das interações presenciais, além da tendência de repetição intergeracional de padrões de uso digital. Conclui-se que a mediação parental é determinante para minimizar riscos, promover autonomia e garantir que a tecnologia seja integrada ao cotidiano infantil de forma equilibrada e saudável.

3257

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Mediação parental. Uso de telas. Autonomia.

ABSTRACT: This article seeks to understand how parenting practices related to the use of fabrics influence child development, considering emotional, cognitive and social aspects that support autonomy in early childhood. The research uses a bibliographic, qualitative and exploratory approach, bringing together national and international studies that investigate family relationships, executive functions, use of digital devices and effects associated with prolonged exposure. An analysis of two selected materials identified that the country offers fabrics mainly to facilitate the organization of everyday life, while the digital behavior of adults functions as a model that guides how children structure attention, emotional regulation and decision making. The results also point to recurring prejudices related to excessive use of devices, including language delays, attention difficulties, impulsiveness, irritability, reduced socialization and dependence on immediate stimuli. In addition, there has been a direct impact on family dynamics, with an increase in conflicts over limits and a reduction in the quality of face-to-face interactions, as well as the trend of intergenerational repetition of patterns of digital use. It is concluded that parental mediation is decisive in minimizing risks, promoting autonomy and guaranteeing that technology is integrated into children's daily lives in a balanced and healthy way.

Keywords: Child development. Parental mediation. Screen use. Autonomy.

¹Graduado em Administração pela Faculdade Pitágoras, Licenciado em Letras/Inglês pela Faculdade Campos Elíseos, MBA em Gestão Estratégica e Liderança pelo Instituto Passo 1, Especializado em Inspeção e Supervisão Escolar pela Faculdade Campos Elíseos, Mestre em Marketing Digital pela MUST University.

RESUMEN: Esse artigo buscou compreender como as práticas parentais relacionadas con el uso de telas influenciam o desenvolvimento infantil, considerando aspectos emocionales, cognitivos y sociales que sustentan la autonomía na primera infancia. Una pesquisa adotou abordagem bibliográfica, cualitativa y exploratoria, reuniendo estudios nacionales e internacionales que investigan relaciones familiares, funciones ejecutivas, uso de dispositivos digitales y efectos asociados a exposición prolongada. Un análisis de los materiales seleccionados identificados que el país ofrece telas principalmente para facilitar la organización del cotidiano, en cuanto al comportamiento digital de dos adultos funciona como modelo que orienta a forma como las estructuras de atención de los niños, la regulación emocional y la toma de decisiones. Los resultados también muestran prejuicios recurrentes relacionados con el uso excesivo de dispositivos, incluidos trastornos del lenguaje, dificultades de atención, impulsividad, irritabilidad, menor socialización y dependencia de estímulos inmediatos. Además, verifica el impacto directo en la dinámica familiar, con el aumento de los conflictos sobre los límites y la reducción de la calidad de las interacciones presenciales, además de la tendencia de repetición intergeneracional de los botones de uso digital. Concluyendo que la mediación parental es determinante para minimizar riesgos, promover la autonomía y garantizar que una tecnología segura integrada al cotidiano infantil de forma equilibrada y segura.

Palabras clave: Desarrollo infantil. Mediación parental. Uso de pantallas. Autonomía.

INTRODUÇÃO

As transformações nas dinâmicas familiares e no cotidiano infantil, influenciadas pelo acesso crescente às tecnologias digitais, têm despertado preocupação quanto ao desenvolvimento das crianças. A literatura sobre interação social e formação psicológica aponta que as relações constituem o núcleo da aprendizagem e da construção subjetiva, como defendido por Vygotsky LS (1991) e reforçado por Paula MC, et al. (2020). Paralelamente, estudos recentes têm mostrado que o uso de dispositivos digitais por pais e crianças altera padrões de atenção, disponibilidade emocional e participação conjunta durante atividades diárias (KUSHLEV K e DUNN EW, 2019).

3258

Embora exista avanço significativo nas pesquisas que investigam impactos cognitivos, sociais e emocionais do uso de telas, persistem lacunas na articulação entre três dimensões: o papel das práticas parentais, a construção da autonomia infantil e os efeitos do ambiente digital no desenvolvimento. Trabalhos sobre funções executivas demonstram que habilidades como autocontrole e flexibilidade cognitiva emergem da interação com adultos e da qualidade das experiências cotidianas (COSTA JSM, et al., 2024), enquanto pesquisas sobre tomada de decisão evidenciam a influência direta dos modelos comportamentais observados no ambiente familiar (RODRIGUEZ KA, 2021). Ainda assim, poucos estudos integram essas perspectivas para compreender como a presença constante das telas interfere nesses processos simultaneamente.

Diante dessa lacuna, o presente artigo reúne evidências que examinam as relações entre práticas parentais, uso de telas e desenvolvimento infantil, considerando efeitos atuais e possíveis repercussões futuras. Ao articular achados sobre motivações dos pais, modelos de comportamento digital, impactos no desenvolvimento e padrões intergeracionais, busca-se oferecer uma visão abrangente e atualizada sobre o tema, contribuindo para a compreensão dos desafios que a infância enfrenta em um contexto cada vez mais mediado por tecnologias digitais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão do desenvolvimento infantil costuma ganhar mais nuance quando se observa que a criança não evolui isoladamente. A ideia vygotskiana de que toda função psicológica superior surge primeiro no plano social para depois se internalizar ajuda a perceber que as relações não atuam como cenário periférico, mas como tecido estrutural da formação subjetiva. Quando Vygotsky (1991) afirma que o percurso do pensamento emerge nas interações, ele convida a enxergar esse processo como algo vivo, feito de gestos, falas, olhares e mediações que se entrelaçam no cotidiano. Wallon, ao enfatizar a centralidade da emoção, amplia essa visão ao sugerir que a criança se estabiliza e se desestabiliza no contato com o outro, construindo modos de sentir e pensar que se alimentam mutuamente (PAULA et al., 2020). Não é difícil notar o diálogo entre os dois autores, já que ambos atribuem ao ambiente humano um papel ativo na constituição do sujeito, diferindo apenas no ponto de focalização. Enquanto Vygotsky privilegia a dimensão cultural e simbólica, Wallon ressalta a afetiva e expressiva, embora as duas dimensões estejam continuamente imbricadas.

3259

Essa convergência teórica costuma ganhar forma concreta quando se observa a rotina de uma criança pequena. Cada troca com cuidadores carrega pistas de como ela organiza sua própria experiência. O adulto que nomeia emoções, ajusta o tom de voz e oferece previsibilidade contribui para que a criança desenvolva uma espécie de bússola interna, alinhando emoção e cognição de maneira progressivamente estável. A literatura walloniana reforça que a afetividade desempenha função reguladora e mobilizadora da aprendizagem, traduzida nas primeiras tentativas de atenção conjunta, nos gestos de empatia incipiente e na sensação de segurança para explorar o ambiente (PAULA et al., 2020; DAUTRO; LIMA, 2018). Essa perspectiva se complementa com a lente sociocultural de Vygotsky, que destaca o papel das interações mediadas para o avanço da linguagem e da capacidade de significar o mundo. Em ambos os

casos, a criança parece se firmar como alguém que depende do outro para aprender a depender de si.

O debate sobre autonomia, portanto, ganha profundidade quando se inclui a noção de funções executivas. O documento do NCPI salienta que habilidades como controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva não surgem de forma espontânea, mas se refinam em contextos de convivência que acolhem tentativa e erro, cooperação e participação ativa (COSTA et al., 2024). O adulto que acompanha a criança de modo responsivo, permitindo que ela tome pequenas decisões e vivencie rotinas estáveis, contribui para que essas capacidades se consolidem aos poucos. Isso explica por que ambientes caóticos ou relações marcadas por respostas imprevisíveis tendem a dificultar a construção de autonomia, já que a criança precisa de referenciais consistentes para organizar sua ação e revisar estratégias. Ao encarar as funções executivas como ferramentas para navegar o cotidiano, o documento aproxima ciência e prática educativa, mostrando que autonomia não é apenas liberdade para escolher, mas competência para sustentar escolhas.

Ao relacionar essas ideias com as contribuições de Vygotsky e Wallon, emerge uma compreensão de autonomia que não se opõe à dependência, mas que se desenvolve dentro dela. A criança que vivencia co-regulação emocional internaliza gradualmente modos de autorregulação. A que participa de decisões simples passa a compreender que escolher implica avaliar consequências. Vygotsky (1991) descreve esse movimento como internalização de práticas sociais, enquanto Wallon interpreta a passagem das condutas impulsivas para atitudes mais estáveis como resultado de interações que organizam a afetividade. Assim, as habilidades executivas podem ser vistas como uma ponte entre o que o adulto oferece e o que a criança passa a fazer sozinha.

Quando o foco se desloca para a tomada de decisão, as influências parentais se mostram ainda mais evidentes. Rodriguez (2021) destaca que as escolhas infantis são moldadas por aspectos que vão além de instruções explícitas, incluindo clima emocional, padrões de consumo e formas de lidar com frustração. A criança não apenas observa o comportamento adulto; ela o incorpora como referência para decidir o que é prioritário, desejável ou possível. Se os cuidadores demonstram equilíbrio ao avaliar situações e tolerar incertezas, tendem a favorecer que a criança adote estratégias semelhantes. Por outro lado, modelos inconsistentes podem gerar dificuldades na diferenciação entre decisão impulsiva e decisão refletida. Essa influência, ainda

de acordo com Rodriguez (2021), costuma acontecer de maneira sutil, não como imposição direta, mas como um conjunto de sinais cotidianos que a criança interpreta ativamente.

Essa leitura integradora sugere que autonomia não se desenvolve como um atributo individual isolado, mas como resultado de um diálogo contínuo entre criança, ambiente e parceiros de interação. A tomada de decisão infantil floresce quando há espaço para experimentar, mas também quando há limites que ofereçam contorno e previsibilidade. As escolhas que a criança faz são respostas às oportunidades que encontra, aos exemplos que observa e à atmosfera emocional que a envolve. A perspectiva sociocultural de Vygotsky e a psicogenética de Wallon convergem novamente ao enfatizar que a criança aprende no vínculo e pela mediação, reorganizando internamente o que vive externamente. As funções executivas, por sua vez, atuam como engrenagens desse processo, garantindo que ela consiga planejar, lembrar, adaptar-se e, sobretudo, sustentar escolhas que façam sentido dentro de seu universo relacional.

Nesse compasso, a reflexão sobre autonomia e desenvolvimento ganha novas camadas quando se observa como as telas entram na dinâmica familiar e passam a influenciar tanto a organização do cotidiano quanto a construção dos modelos internos da criança. A mesma lógica relacional que estrutura a formação emocional e cognitiva também atravessa o universo digital, fazendo com que o uso de dispositivos não seja apenas um recurso tecnológico, mas uma prática social que comunica valores, prioridades e modos de interação.

3261

Quando se analisa por que os pais oferecem telas às crianças, a literatura qualitativa revela que essa decisão geralmente não nasce de um desejo de substituir vínculos ou prejudicar o desenvolvimento infantil. Estudos mostram que os dispositivos acabam surgindo como estratégia para manejar múltiplas demandas em ambientes familiarmente sobrecarregados. Mallawaarachchi et al. (2022) apontam, em sua pesquisa, que pais recorrem às telas para descansar, cozinhar, trabalhar ou simplesmente ter alguns minutos de pausa. Esse uso se apresenta como mecanismo de regulação doméstica, sobretudo quando a rotina exige simultaneidade entre cuidado, tarefas e autocuidado.

A pesquisa ainda argumenta que muitos responsáveis descrevem as telas como aliadas práticas, especialmente em contextos nos quais a sensação de exaustão ou falta de apoio torna difícil encontrar alternativas viáveis. Essa perspectiva ajuda a compreender que a presença dos dispositivos na infância é frequentemente uma resposta à complexidade da vida adulta, e não um gesto de negligência. O que se observou, na pesquisa de Mallawaarachchi et al. (2022), é

uma tentativa de equilibrar necessidades, ainda que esse equilíbrio nem sempre favoreça o desenvolvimento infantil em longo prazo.

Ao mesmo tempo, o comportamento dos pais diante das telas se torna um modelo que a criança observa de maneira constante. Kushlev e Dunn (2019) evidenciam que o uso de *smartphones* pode reduzir a conexão emocional durante o tempo compartilhado com os filhos, criando microfissuras na atenção conjunta que a criança capta mesmo quando não verbaliza. O adulto que alterna repetidamente entre a interação e o celular transmite uma mensagem implícita sobre prioridade, interesse e disponibilidade afetiva. A criança passa a compreender que a tela ocupa um lugar de prazer e satisfação, pois observa o adulto relaxar diante dela, buscar distração ou se refugiar ali nos momentos de pausa. Se o celular aparece como objeto de destaque durante interações que deveriam nutrir vínculo, a criança internaliza que relações humanas podem ser interrompidas a qualquer momento e que a presença do outro não é necessariamente estável. Esse tipo de aprendizagem acontece no mesmo registro descrito anteriormente por Vygotsky e Wallon: a criança aprende observando e sentindo, antes de racionalizar. E essa lógica se estende à forma como o ambiente digital influencia a tomada de decisão infantil.

Quando a tela está sempre disponível, visível e emocionalmente valorizada pelos adultos, ela se transforma em um estímulo privilegiado no repertório da criança, algo evidenciado quando pais relatam recorrer aos dispositivos como recurso constante de apoio na rotina (MALLAWAARACHCHI et al., 2022). Essa presença contínua fragiliza o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o controle inibitório ou a capacidade de esperar, já que a recompensa proporcionada pelo uso de dispositivos digitais tende a ser imediata e previsível.

3262

A pesquisa de Kushlev e Dunn (2019), sobre distração parental indicam que a própria relação dos adultos com as telas promove modelos de atenção fragmentada, o que afeta indiretamente a autorregulação infantil (KUSHLEV; DUNN, 2019). Nesse cenário, a autonomia se compromete porque a criança deixa de exercitar estratégias fundamentais, como adiamento da gratificação e tolerância à frustração, estruturando sua ação a partir da intensidade das experiências digitais e da forma como os adultos organizam esse acesso (MALLAWAARACHCHI et al., 2022).

A influência parental aparece, portanto, como eixo central na construção desse modelo mental. É o adulto que define quando a criança usa a tela, quanto tempo permanece diante dela,

para que finalidade e com qual qualidade emocional, evidenciando que o uso infantil é mediado pela cultura digital dos próprios cuidadores (MALLAWAARACHCHI et al., 2022).

Quando o ambiente digital é permeado por atenção compartilhada, intencionalidade e limites claros, transmite-se à criança a ideia de que a tecnologia cumpre função instrumental e não substitui relações humanas (KUSHLEV; DUNN, 2019). Em contrapartida, estudos sobre uso parental de *smartphones* durante interações mostram que, quando os adultos se distraem com o celular na presença dos filhos, comunicam implicitamente que a tela detém prioridade emocional, o que tende a orientar decisões infantis mais rápidas e pouco reflexivas (KUSHLEV; DUNN, 2019). Assim como nas interações sociais discutidas anteriormente, a criança constrói seu modo de decidir a partir dos modelos que observa, e as telas se tornam parte desse sistema de significados (MALLAWAARACHCHI et al., 2022).

Ao integrar essas perspectivas, percebe-se que o uso de dispositivos na infância não pode ser entendido apenas como comportamento tecnológico, mas como extensão das relações que sustentam o desenvolvimento. As pesquisas indicam que o modo como os adultos utilizam, valorizam e atribuem sentido às telas atua como componente formativo, influenciando a maneira como a criança organiza atenção, regula emoções e interpreta o valor do digital (KUSHLEV; DUNN, 2019). Do mesmo modo que a autonomia depende de processos de co-

3263

regulação entre criança e cuidador, o uso saudável das tecnologias também se ancora nessa parceria, equilibrando necessidades familiares com práticas que favoreçam crescimento, presença e vínculo (MALLAWAARACHCHI et al., 2022).

Nesse sentido, a discussão sobre o papel das telas nas rotinas familiares leva naturalmente a um questionamento sobre o que acontece quando esse uso se torna excessivo, prolongado ou desregulado. Se, por um lado, os dispositivos podem surgir como estratégia de organização doméstica ou espelho do comportamento dos adultos, por outro, acumulam efeitos que se entrelaçam com tudo o que já foi explorado acerca de autonomia, funções executivas e mediação parental.

Assim como Vygotsky e Wallon destacam a importância das interações humanas para o desenvolvimento, a literatura recente indica que ambientes cuja dinâmica é fortemente dominada por estímulos digitais tendem a deslocar o foco da criança para recompensas rápidas, reduzindo a qualidade das experiências sociais que sustentam a formação emocional e cognitiva. Essa convergência teórica reforça que o uso de telas não ocorre isoladamente, mas compõe o conjunto de práticas que moldam trajetórias de desenvolvimento.

Quando se analisam os efeitos do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil, observa-se um conjunto consistente de prejuízos relatados em pesquisas contemporâneas. Panjeti-Madan e Ranganathan (2023) destacam consequências distribuídas em múltiplos domínios, incluindo atrasos de linguagem, prejuízos no sono, dificuldades motoras, déficits de atenção e redução da socialização. Esses achados dialogam com estudos populacionais que mostram que crianças expostas a telas de forma intensa ou sem mediação adulta apresentam maiores riscos de dificuldades cognitivas e comportamentais, especialmente quando o ambiente digital substitui o contato humano direto (XIAO et al., 2025).

Em linha semelhante, estudos revisados por Barbosa et al. (2024) mostram que o aumento do consumo tecnológico no período pós-pandêmico intensificou impactos no desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil, particularmente pela diminuição de interações presenciais ricas e pela fragmentação da atenção. Esse conjunto de evidências complementa o que vem sendo discutido desde o primeiro parágrafo desta fundamentação teórica, sobre a importância das relações responsivas: quando a tela ocupa o espaço que deveria ser preenchido por vínculos, conversas e brincadeiras, a criança perde oportunidades essenciais para desenvolver linguagem, controle inibitório e regulação emocional. E, nesse contexto, o prejuízo à atenção e à capacidade de esperar também se mostra consistente em estudos internacionais.

3264

Sauce et al. (2022), ao analisarem a relação entre exposição digital e inteligência, indicam que o impacto cognitivo depende fortemente da qualidade do uso e da mediação parental. Quando presente de forma desregulada, o digital tende a fortalecer uma lógica de recompensas rápidas que prejudica processos de atenção sustentada, planejamento e flexibilidade cognitiva. Esses achados aproximam-se do que Kushlev e Dunn (2019) demonstram no âmbito das relações: adultos que interagem com *smartphones* de maneira constante apresentam lapsos de conexão emocional com os filhos, e essa fragmentação atencional se torna modelo que a criança internaliza. Assim, o mesmo mecanismo que fragiliza a qualidade das interações também afeta, indiretamente, o desenvolvimento cognitivo infantil.

No contexto brasileiro, estudos como o de Nobre et al. (2021) reforçam que o tempo de tela na primeira infância está intimamente associado aos hábitos familiares e ao modo como os adultos organizam rotinas e práticas digitais. As autoras apontam que crianças que vivem em lares marcados por maior exposição dos pais a telas tendem a iniciar o uso mais cedo, permanecer mais tempo diante de dispositivos e apresentar menor engajamento em brincadeiras tradicionais.

Esse cenário ajuda a explicar por que atrasos de linguagem aparecem de forma recorrente nos estudos de Panjeti-Madan e Ranganathan (2023): dispositivos reduzem o tempo de interação face a face, comprometendo o ciclo de turnos conversacionais que sustentam a aquisição linguística. Nesse sentido, as dificuldades de socialização também surgem quando a criança substitui interações cooperativas por conteúdo digital passivo, dificultando a compreensão de regras sociais básicas, como negociar, compartilhar ou esperar sua vez. Nesse aspecto, as consequências atencionais e comportamentais seguem lógica semelhante.

Barbosa et al. (2024) identificam maior impulsividade, irritabilidade e menor tolerância à frustração entre crianças que utilizam dispositivos com frequência elevada, especialmente quando a tela é empregada como solução rápida para acalmar comportamentos desafiadores. Isso converge diretamente com os achados de Mallawaarachchi et al. (2022), apresentados anteriormente, nos quais muitos pais relatam usar telas como ferramenta prática para gerir o cotidiano. A diferença é que, quando essa prática se torna rotina, a criança passa a depender do estímulo digital como regulador emocional externo, prejudicando o desenvolvimento de autonomia e autorregulação, conforme discutido à luz das funções executivas pelo NCPI (COSTA et al., 2024).

À medida que o uso excessivo avança da infância para o convívio familiar, começam a se tornar mais evidentes as consequências de médio e longo prazo. O primeiro prejuízo costuma aparecer na qualidade das interações familiares, que se tornam mais fragmentadas quando pais e filhos compartilham o mesmo espaço, mas não o mesmo foco (KUSHLEV; DUNN, 2019). A criança que cresce nesse contexto tende a desenvolver maior dependência de estímulos digitais para se acalmar, se entreter ou lidar com frustrações, o que dificulta a formação de habilidades de autonomia, já que essas competências requerem prática, presença e co-regulação. Isso explica por que pais que utilizam telas como recurso constante relatam, com o tempo, aumento de birras, irritabilidade e dificuldade da criança em engajar-se em atividades que não envolvem recompensas imediatas (BARBOSA et al., 2024).

Ainda nesse contexto, perpassando pelo ambiente escolar, essas dificuldades podem se intensificar, uma vez que crianças expostas a telas de forma desregulada apresentam maiores desafios para sustentar atenção, organizar materiais e interagir com colegas, conforme sugerem associações descritas por Nobre et al. (2021). A entrada da criança em contextos que exigem rotinas, espera e cooperação tende a evidenciar a fragilidade das habilidades autorregulatórias. Por consequência, pais que adiam a criação de limites digitais frequentemente relatam aumento

de conflitos familiares, sobretudo quando tentam regular o uso mais tarde, já com padrões de dependência estabelecidos e, então, surge a adolescência, uma etapa de amplificação desses efeitos.

Estudos analisados por Barbosa et al. (2024) apontam que adolescentes com histórico de uso excessivo de telas ou entrada precoce no ambiente digital apresentam maior risco de problemas relacionados à saúde mental, dificuldade em manter relações offline e menor desempenho acadêmico. A dependência tecnológica, consolidada durante a infância, torna-se mais visível quando a autonomia deveria estar plenamente desenvolvida. Essa trajetória dialoga com os achados de Sauce et al. (2022), que enfatizam a importância de contextos mediadores na proteção do desenvolvimento cognitivo e na construção de competências intelectuais mais robustas. Assim, esse conjunto de evidências permite compreender a dimensão intergeracional do fenômeno.

Dessa forma, o comportamento dos pais em relação às telas, discutido anteriormente com base nos estudos de Kushlev e Dunn (2019), se torna matriz para a forma como as futuras gerações irão se relacionar com a tecnologia. Quando práticas de indisponibilidade emocional, atenção fragmentada ou substituição da interação por dispositivos se repetem, formam-se ciclos que envolvem baixa responsividade, dificuldades de autorregulação e vínculos empobrecidos. Pesquisas como as de Nobre et al. (2021) e Xiao et al. (2025) mostram que padrões familiares tendem a persistir ao longo do tempo, moldando expectativas, hábitos e modos de interação.

3266

Ao integrar essas perspectivas, percebe-se que o uso excessivo de telas não se limita a efeitos imediatos, mas compõe um fenômeno complexo que atravessa desenvolvimento, dinâmica familiar e trajetórias futuras. A criança que cresce em um ambiente no qual a tela ocupa espaço principal aprende a organizar emoções, decisões e relações com base nesse modelo. O papel dos pais, portanto, continua sendo determinante, não apenas no presente, mas como força formadora de gerações.

MÉTODOS

O estudo foi conduzido por meio de uma abordagem bibliográfica, qualitativa e exploratória, considerando que o fenômeno investigado envolve dimensões psicológicas, sociais e culturais que exigem interpretação integrada das evidências científicas disponíveis. Para isso, recorreu-se exclusivamente a fontes documentais, incluindo artigos revisados por pares, livros clássicos, relatórios institucionais e dissertações, todos acessados em bases públicas e

repositórios acadêmicos como PubMed Central, *Scientific Reports*, SciELO, *ResearchGate* e plataformas institucionais da *University of North Florida*, PUCRS, Mackenzie e NCPI. Embora o recorte temporal tenha priorizado publicações entre 2019 e 2025, obras fundamentais do campo da psicologia do desenvolvimento foram incluídas independentemente da data de publicação, dada sua relevância histórico-teórica.

A população analisada correspondeu ao conjunto de estudos que investigam desenvolvimento infantil, funções executivas, mediação parental e uso de telas, com foco em crianças em desenvolvimento. Por se tratar de pesquisa bibliográfica, não houve contato direto com participantes humanos ou animais. A seleção do material adotou uma amostragem não probabilística e intencional, utilizada em pesquisas qualitativas cujo foco é aprofundar fenômenos específicos e não produzir generalizações estatísticas, conforme discutido por Tajik O, et al. (2025).

Essa forma de seleção priorizou a pertinência temática e a consistência teórico-metodológica dos estudos, considerando como critérios de inclusão a relevância para os objetivos da pesquisa, a presença de fundamentação metodológica explícita, disponibilidade integral para leitura e publicações em português ou inglês. Foram excluídos materiais opinativos sem suporte empírico, estudos duplicados ou textos sem revisão por pares, seguindo orientações metodológicas aplicadas em procedimentos de amostragem intencional (TAJIK O, et al., 2025).

3267

A análise dos dados seguiu orientação qualitativa interpretativa, com leitura aprofundada dos materiais selecionados e organização das informações em eixos temáticos relacionados ao desenvolvimento infantil, autonomia, funções executivas, mediação parental, exposição digital e impactos cognitivos e emocionais. A interpretação buscou identificar convergências, tensões teóricas e lacunas, articulando diferentes perspectivas para construir uma síntese analítica coerente com a complexidade do fenômeno estudado.

Em relação às questões éticas, por se tratar de um estudo que não envolve coleta de dados primários nem contato com seres humanos ou animais, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. Todas as fontes utilizadas são de acesso público ou institucional autorizado, respeitando integralmente os direitos autorais e as normas de atribuição científica, sem utilização de informações sensíveis ou dados que exigissem consentimento individual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material selecionado identificou um conjunto consistente de evidências relacionadas às interações familiares, ao uso de telas na infância e aos impactos desse uso nas dimensões cognitivas, emocionais e sociais do desenvolvimento infantil. Os estudos analisados apresentaram padrões recorrentes quanto aos motivos que levam pais a disponibilizarem dispositivos digitais às crianças, bem como aos efeitos observados no comportamento infantil e nas dinâmicas familiares.

Os resultados referentes às motivações parentais indicaram que o uso de telas como estratégia de organização do cotidiano é prática comum. Os dados provenientes do estudo qualitativo de Mallawaarachchi et al. (2022) mostraram que pais recorrem a *smartphones* para administrar tarefas domésticas, descansar, trabalhar ou obter momentos de pausa. Os mesmos autores identificaram que tal uso não é motivado por intenção de prejuízo à criança, mas por demandas familiares que tornam os dispositivos ferramentas acessíveis e de fácil aplicação em situações de sobrecarga.

Quanto ao comportamento dos pais diante das telas, os estudos de Kushlev e Dunn (2019) demonstraram redução da conexão emocional entre adultos e crianças quando há uso frequente de *smartphones* durante interações cotidianas. Os autores registraram episódios de fragmentação da atenção parental, nos quais interrupções sucessivas do contato visual e verbal resultaram em menor responsividade adulta. Esses dados evidenciam a presença de padrões de atenção dividida em contextos familiares, com exposição da criança a modelos de uso prolongado e frequente de dispositivos.

No que se refere ao desenvolvimento infantil, os estudos analisados apresentaram evidências de prejuízos associados ao uso excessivo de telas. Panjeti-Madan e Ranganathan (2023) identificaram atrasos em linguagem, dificuldades de sono, redução da coordenação motora, menor engajamento social e problemas de atenção em crianças expostas a longos períodos de tela. Resultados semelhantes foram observados por Xiao et al. (2025), que registraram associações entre alta exposição digital e indicadores de desenvolvimento reduzidos em populações de regiões com poucos recursos. Barbosa et al. (2024) descreveram impactos cognitivos específicos no contexto pós-pandêmico, incluindo maior impulsividade, dificuldade de concentração e menor tolerância à frustração. Sauce et al. (2022) observaram que, na ausência de mediação adulta, o uso digital se relacionou a efeitos negativos sobre o desempenho cognitivo, mesmo após controle por fatores genéticos e socioeconômicos.

Os resultados referentes aos determinantes familiares do tempo de tela mostraram forte associação entre a rotina adulta e os hábitos digitais das crianças. O estudo de Nobre et al. (2021) registrou que a frequência e a duração do uso infantil tendem a acompanhar os padrões parentais, incluindo horários, contextos e tipos de conteúdo. Foram observadas maiores probabilidades de exposição prolongada em lares com rotinas desreguladas, menor disponibilidade de interação presencial e uso recorrente de dispositivos como estratégia de manejo comportamental.

As evidências associadas às consequências familiares mostraram que o uso intenso de dispositivos digitais esteve relacionado a aumento de conflitos sobre limites, maior irritabilidade infantil e dificuldades na organização de rotinas domésticas. Os estudos analisados descreveram maior dependência de estímulos digitais para atividades de autorregulação, bem como dificuldades observadas posteriormente no ambiente escolar, incluindo atenção reduzida, menor participação social e desafios para manutenção de tarefas contínuas.

Nesse sentido, os resultados apontaram padrões com potencial intergeracional. As pesquisas revisadas mostraram que comportamentos parentais relacionados ao uso de telas, como indisponibilidade emocional, atenção fragmentada e substituição de interações por dispositivos, tendem a se repetir como práticas aprendidas pelas crianças e potencialmente reproduzidas quando se tornam adultas. Os dados indicaram continuidade entre modelos de uso observados na infância e padrões futuros de interação, com possibilidade de manutenção de ciclos de baixa responsividade e dificuldades de autorregulação. 3269

CONCLUSÃO

A pesquisa identificou que o uso de telas na infância está fortemente ligado às práticas e rotinas familiares, especialmente ao modo como os pais organizam o cotidiano e utilizam dispositivos no ambiente doméstico. Observou-se que a oferta de telas às crianças ocorre principalmente em contextos de necessidade prática, e que o comportamento digital dos adultos influencia diretamente a disponibilidade, frequência e qualidade do uso infantil.

Os estudos analisados apontaram prejuízos recorrentes associados ao uso excessivo de dispositivos digitais, incluindo dificuldades nos domínios da linguagem, atenção, socialização, autorregulação emocional e coordenação motora. Também foram identificadas associações

entre exposição prolongada a telas e aumento de impulsividade, irritabilidade, dependência de estímulos imediatos e redução de indicadores gerais de desenvolvimento.

Além disso, verificou-se que o uso intenso de telas repercute na dinâmica familiar, com maior frequência de conflitos relacionados a limites digitais e redução da qualidade das interações presenciais. Foram identificados ainda padrões que tendem a se repetir ao longo das gerações, indicando continuidade entre o modo como os pais utilizam dispositivos e o modo como as crianças passam a incorporá-los como parte central do comportamento cotidiano.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jeferson Fernando Santos; BARBOSA, Erika Raylla Marinho; MEDEIROS, Laércia Maria Bertulino de; COSTA FILHO, José Andrade; CASTELLON, Luís Augusto Soares. Os impactos da tecnologia no desenvolvimento cognitivo infantojuvenil no contexto pós-pandêmico. In: KOCHHANN, Andrea (Org.). Rumo ao futuro da Educação: tendências e desafios. Campina Grande: Licuri, 2024. p. 24-32. DOI: 10.58203/Licuri.22323. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/379008317_Os_Impactos_da_Tecnologia_no_Desenvolvimento_Cognitivo_Infantojuvenil_no_Contexto_Pos-Pandemico. Acesso em: 02 dez. 2025.

COSTA, Joana Simões de Melo; LOUZADA, Fernando Mazzilli; MACEDO, Lino de; SANTOS, Daniel Domingues. Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia. Disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2024/08/Funcoes-executivas-e-desenvolvimento-na-primeira-infancia.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2025.

3270

DAUTRO, Grazziany Moreira; LIMA, Welânio Guedes Maias de. A teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação na educação. 2018. Trabalho apresentado no CONEDU — Congresso Nacional de Educação, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MDI_SA4_ID392_10092018225535.pdf. Acesso em: 30 nov. 2025.

KUSHLEV, Kostadin; DUNN, Elizabeth W. Smartphones distract parents from cultivating feelings of connection when spending time with their children. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 36, n. 6, p. 1619-1639, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324448097_Smartphones_distract_parents_from_cultivating_feelings_of_connection_when_spending_time_with_their_children. Acesso em: 27 nov. 2025.

MALLAWAARACHCHI, S. R. et al. A qualitative exploration of parent motives for providing smartphones and tablets to young children. 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9629764/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes et al. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 3, p. 811-824, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/?lang=pt&>. Acesso em: 27 nov. 2025.

PANJETI-MADAN, V. N.; RANGANATHAN, P. Impact of Screen Time on Children's Development: Cognitive, Language, Physical, and Social and Emotional Domains. *Multimodal Technologies and Interaction*, v. 7, n. 5, p. 52, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2414-4088/7/5/52>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PAULA, Marlúbia Corrêa de; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; NASCIMENTO, Maria Manuel Silva; VIALI, Lorí. Contribuições de Henri Wallon: o papel da emoção na aprendizagem. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 56, p. 181-192, 2020. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/18769/2/Contribuies_de_Henry_Wallon_o_papel_da_emoo_na_aprendizagem.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

RODRIGUEZ, K. A. Parental influences on children's decision making. 2021. Dissertação (Mestrado ou grau equivalente) — University of North Florida, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.unf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2091&context=etd&>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SAUCE, Bruno et al. The impact of digital media on children's intelligence while controlling for genetic differences in cognition and socioeconomic background. *Scientific Reports*, v. 12, art. 7720, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-022-11341-2>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TAJIK, Omid; GOLZAR, Jawad; NOOR, Shagofah. Purposive sampling. *International Journal of Education & Language Studies*, v. 2, n. 2, 2025. DOI: 10.22034/ijels.2025.490681.1029. Acesso em: 25 nov. 2025.

3271

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

XIAO, Yuyin et al. Screen Exposure and Early Childhood Development in Resource-Limited Regions: Findings From a Population-Based Survey Study. *J Med Internet Res*, 2025; 27:e68009. Disponível em: <https://www.jmir.org/2025/1/e68009>. Acesso em: 27 nov. 2025.